

## CAMILO, O BRASIL E OS BRASILEIROS

Aníbal Pinto de Castro  
Universidade de Coimbra

Sempre em unísono com a vida da grande Comunidade luso-brasileira, abrem-se, mais uma vez, de par em par, as portas deste Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, para celebrar, ainda no âmbito das comemorações do primeiro centenário da sua auto-imolação, a figura e a obra de Camilo Castelo Branco, por certo uma das mais autênticas e profundas expressões do nosso ser coletivo, tal como se afirmou (e continua a afirmar-se!) em ambas as margens do **mare nostrum Atlanticum**, que geograficamente as separa como se assim melhor as quisesse fundir num todo espiritual inconsútil, que o tempo e a História, longe de enfraquecerem, em cada dia mais enriquecem e consolidam, sem que, pelo exercício da ação do Brasil e de Portugal, como nações dotadas de individualidade própria, se perturbe sequer a essência da generosa comunhão lusíada que partilhamos na língua e na cultura.

E a circunstância de tal celebração marcar, logo após a confraternização desta tarde, o início da visita oficial de S.Ex.<sup>a</sup> o Senhor Primeiro Ministro de Portugal, na companhia de vários membros do seu Governo e de altas individualidades da vida política e econômica portuguesa, está a fazer a Terras de Santa Cruz, significa, aos meus olhos de universitário e de homem de cultura, a deliberada intenção de, numa época em que tanto da vida das nações se pauta pelos padrões do material, perscrutar as raízes mais fundas e tenazes dessa essência da nossa identidade, para que a árvore frondosa que elas alimentam, há quase cinco séculos, melhor possa florescer e frutificar no futuro.

A cultura e a língua portuguesas não-de ser, com efeito, a seiva e o plasma dessa vida do espírito, que assim nos une sem nos confundir. E a obra de Camilo Castelo Branco, erigindo, nas modulações semânticas e rítmicas dessa língua, hoje usada por cerca de 180 milhões de falantes, um monumento literário e cultural mais perene que o bronze de que falava o clássico, oferece um pretexto e um exemplo de maravilhosa oportunidade para, por ela e com ela, reafirmarmos e fortalecermos, na nossa consciência de Brasileiros e Portugueses, a certeza da validade, da legitimidade e da atualidade desses valores, que são o cerne de nós próprios e da nossa alma. É que a obra de Camilo, nascida embora de um e num determinado momento da história da sociedade e da cultura portuguesas, teve o condão de alcançar, independentemente dos tempos e lugares em que se operou a sua recepção, uma grandeza e amplitude de significado que a configuram como um paradigma intemporal da nossa maneira de ser e de estar no mundo, mesmo quando, como no caso do Brasil, nos possamos situar fora das fronteiras políticas ou geográficas da velha e pequena Casa Lusitana.

E se há instituições que pudessem servir de templo a uma celebração com esse rito e essa intenção, o Real Gabinete Português de Leitura é inquestionavelmente uma das primeiras em todo o mundo lusíada e a única no Brasil, tão rico é o acervo das espécies da sua camiliana e tão antiga é a sua devoção pela obra de Camilo, pois data de 1882, quando, por intermédio de Luís Caetano Pereira de Guimarães Júnior, então em funções diplomáticas na Legação do Brasil em Lisboa, esta Casa adquiriu, diretamente ao Escritor, parte da sua biblioteca e um valioso lote de autógrafos<sup>1</sup>. Quanto

à valia da sua camiliana, bastará recordar que nela se conserva o manuscrito autógrafo do *Amor de Perdição*, em boa hora dado a público, em 1983, pelo saber e devoção à cultura portuguesa do meu velho Amigo e querido Colega, Prof. Maximiano de Carvalho e Silva, em edição promovida pela Direção que então presidia aos seus gloriosos destinos, conjuntamente com a Livraria Lello, do Porto, herdeira de uma longa e operosa tradição editorial de textos camilianos, desde os tempos de Chardron<sup>2</sup>.

Creio poder afirmar, sem receio de contradita, que, ao longo dos oito séculos de produção literária portuguesa, Camilo foi quem melhor soube captar e exprimir, para além de contingências epocais, os traços que mais fiel e genuinamente definem o conjunto de características, positivas ou negativas, do homem português, tanto no foro individual como no quotidiano por ele vivido e sofrido nas suas relações com os outros. Porque se Camões decerto o ultrapassou em profundidade lírica, no canto de um sofrimento pessoal interior, nascido dos seus erros, da má fortuna e do amor ardente que o consumiu em várias chamas, e depois dolorosamente agudizado pelo fatal confronto com o desconcerto de um mundo que o não entendia, e que ele só entendia quando o contemplava com olhos de engano ou na transcendência da Jerusalém celeste, Camilo alcançou uma visão mais completa e socialmente mais autêntica, talvez porque, saindo mais de si para atentar nos seus contemporâneos, vendo-os embora através do prisma da sua sensibilidade e do seu drama pessoal, pôde captar melhor a imensa gama das relações que, por movimentos de atração e rejeição, urdem as teias que, em cada época, dinamizam as sociedades, pelos encontros e desencontros de interesses, de sentimentos, ou dos conflitos que eles inevitavelmente provocam. E com a vantagem de, tanto pelas suas próprias características de forma, gênero e conteúdos, como pela feição cultural e social da época de escrita e de recepção, a sua obra se situar ao alcance fácil de um leitor que, para lhe captar a mensagem, irmanando-se com as suas personagens, não tinha necessidade de grande bagagem cultural.

É na dimensão desta interpretação da obra de Camilo como expressão genuína de Portugal e como elo fortíssimo da coesão afetiva, lingüística e cultural entre Portugal e o Brasil, que eu pedia licença a Vs. Ex<sup>as</sup> para colocar as considerações que vou submeter à vossa benévola consideração, desempenhando-me assim, o melhor que puder e souber, do encargo que o generoso convite do Senhor Primeiro Ministro, Prof. Cavaco Silva, hoje de mim fiou e das minhas obrigações de amizade para com esta Casa, ainda há pouco tão amavelmente lembradas pelo Senhor Presidente da Direção.

É que a recepção da obra de Camilo no Brasil representa, em meu modesto entender, uma das provas mais convincentes desta minha tese.

Não obstante a reiterada e impiedosa caricatura que fez do emigrante que, oriundo das províncias nortenhas, vinha ao Brasil para amealhar os bens de fortuna que a terra-mãe lhe não dava, na personagem-tipo do "brasileiro" de torna-viagem<sup>3</sup>, e apesar da acrimoniosa ironia com que tratou alguns escritores brasileiros nas páginas tão saborosas do *Cancioneiro alegre* ou dos *Críticos do "Cancioneiro alegre"*, não sofre dúvida que a obra de Camilo foi sempre recebida no Brasil com caloroso entusiasmo, tanto pelos brasileiros como pelos elementos da colônia portuguesa que aqui mourejava. Prova dessa realidade dão-na as excelentes camilianas reunidas, quer por mão de particulares, quer em coletividades da colônia, as marcas que a leitura da sua obra deixou em autores brasileiros (assunto ainda por estudar em profundidade, mas que será objeto de merecida atenção no Congresso Internacional de Estudos Camilianos<sup>4</sup> que vai ter

lugar em Coimbra, no final de Junho próximo), ou até a freqüência com que, ainda nos dias de hoje, encontramos excelentes exemplares de primeiras edições ou de espécies raras da sua bibliografia passiva nos alfarrabistas do Rio, de São Paulo ou de outras cidades. Ainda no dia 2 de Abril último, a pena peregrina de Josué Montelo o reafirmava, em artigo publicado no *Jornal do Brasil* intitulado *O romance da paixão camiliana*, a propósito da biografia do Escritor elaborada no princípio dos anos 40, deste século, por Lindolfo Collor e agora em vias de edição na Nova Fronteira.

E tendo dado comigo a perguntar que razões explicam este aparente contra-senso.

A explicação plausível e convincente não é decerto tanto a beleza literária da obra em que tais personagens viviam (que para a apreender faltaria preparação estética à grande maioria dos nossos compatriotas que por cá o liam), mas a consciência, implícita ou explicitamente assumida, da identificação desses mesmos leitores com aquelas personagens que, na ficção, refletiam, como espelho cristalino, as suas próprias qualidades e defeitos.

O "brasileiro" de torna-viagem representa, com efeito, em muitas páginas da ficção camiliana, uma caricatura que, fazendo dele um **tipo**, toca as raízes da crueldade, acirrada pela lembrança constante e tão dolorosa daquele Manuel Pinheiro Alves que de S. Miguel de Ceide emigrara muito novo para o Brasil e daqui partira "pesando uns oitenta contos de réis", para "comprar", com o seu poder de argentário, a "mulher fatal" que amorosamente arrebatara o ardor da sua alma romântica, na figura juvenil de Ana Plácido. Basta recordarmos os grotescos "retratos do natural" de Hermenegildo Fialho Barrosas e dos outros membros da "respeitável corporação", que encontramos n'*Os brilhantes do Brasileiro*<sup>5</sup>, o João José Dias de *O que fazem mulheres*<sup>6</sup>, a conhecida descrição da chegada do Bento Pereira de Montalegre a Santiago da Faia, no *Eusébio Macário*<sup>7</sup>, e tantos outros.

Mas nem sempre esta personagem-tipo é encarada pela sua face negativa, ou apenas por ela. E a crítica não tem dado a este facto a devida atenção. Há, com efeito, na novela camiliana exemplos muito sugestivos de portugueses emigrantes para o Brasil que conquistaram a sua fortuna por meios lícitos e honrados, muitas vezes graças à confiança que, a sua honestidade e dignidade de comportamento alcançaram junto de patrões e protetores que, firmados nessas qualidades, os associaram às suas empresas comerciais, os fizeram seus herdeiros, ou até os integraram nas suas famílias. É o caso, entre muitos outros, daquele Bernabé enjeitado, protagonista d'*O Comendador*, a segunda das *Novelas do Minho*<sup>8</sup>, do Jacinto de Deus d'*A bruxa do Monte Córdova*, agraciado pelo Governo com o título de Barão de Burgães, pelos "serviços de humanidade prestados aos seus compatriotas infelizes, no Rio de Janeiro"<sup>9</sup>, ou, embora já em nível social diferente, o de António de Azevedo, das *Estrelas propícias*, que daqui, do Rio, escrevia a Corina da Soledade:

O que tu queres de mim não é muito amor, e uma casinha além no nosso Minho, e as serenas alegrias, prometedoras de um fim de vida sossegada? Lá me tens o coração, e eu cá o espírito a granjear o mais. Não o tenho ainda: poucos anos bastarão a esta opulência, que tão pouco vale aqui e lá<sup>10</sup>.

Acontece até por vezes que uma destas personagens, primeiro retratada com traços de grotesco caricatural, surge depois, no decorrer da narrativa, encarada numa perspectiva de honradez que, pese embora uma certa carga de boçalidade na sua vivência e formulação, ou o pendor para o "sublime truanesco", tão ao gosto romântico, pretende ostensivamente mostrar algumas das características a que o povo português desde sempre se manteve mais fiel. É assim que aquele mesmo João José Dias de *Que fazem mulheres*, a princípio retratado como o **non plus ultra** da fealdade, quando se julga atraído pela mulher, surge como um obcecado pela sua noção de honra, repetidas vezes afirmada em estilo que, não destoando dos seus traços físicos, converte as suas palavras em sentenças quase lapidares, de comovedora sinceridade:

Tu queres matar-me, mulher! mata-me, mas deixa-me a honra,  
que eu estimo mais que tudo;

Ou:

Vai-te para as profundas do inferno, e nunca descanso tenhas  
noite e dia enquanto me não vieres pedir perdão de queres desonrar  
teu marido, que te deu palácios, e quintas, e carruagens, e tudo quanto  
cobre o sol. Vai-te para onde quiseres, ingrata mulher, e quando  
souberes que eu morri doido vem tomar conta de tudo isto que é teu,  
porque o que vocês querem todos é acabar comigo, para ficarem com  
isto que eu ganhei com honra a trabalhar como um moiro<sup>11</sup>.

Ora quantos portugueses liam as novelas de Camilo, do lado de cá do Atlântico, não podiam deixar de rever-se em traços que, como estes, tocavam no mais profundo da teoria de valores ancestrais, que haviam trazido de Portugal na sacola da sua pobre bagagem de emigrantes. E isso bastaria para provocar neles uma adesão que nem a truculência do sarcasmo que encontravam noutras páginas era capaz de pôr em causa.

Outros motivos – e por certo mais ponderosos – havia, porém, para que essa adesão se aprofundasse e fortalecesse, e que, estando bem no cerne da temática camiliana, singularmente se identificavam com algumas das marcas mais genuínas da alma portuguesa que esses emigrantes sentiam viver em si com a vitalidade que o afastamento da pátria sempre forja com o travo agriçoce da saudade.

Se bem atentarmos no mundo ficcional criado pela prodigiosa imaginação do escritor, em permanente labor, com base nos dados fornecidos pelo seu vasto cabedal de leituras, pela sua variada cultura e pelos seus agudíssimos dons de observação da vida que o rodeava e da sua própria vida, fácil nos será verificar que, bem dentro dos códigos estéticos da sua época e em perfeita sintonia com a sua sensibilidade, ela apresenta ao leitor um singular conjunto de traços em manifesta coincidência, não apenas com a **forma mentis** da grande maioria dos seus contemporâneos, independentemente do seu estatuto social ou do seu grau de cultura, mas também com alguns dos caracteres que melhor e mais persistentemente individualizam o perfil do homem português, ao longo dos séculos, no jogo de contrastes que o fazem ao mesmo tempo alegre e triste, calmo e arrebatado, lírico e irônico ou até sarcástico, religioso e anticlerical, atrevido e timorato, aventureiro e pacatamente agarrado à courela que lhe

foi berço, capaz de heroicidades logo seguidas de misérias, rochedo de honradez e fácil aproveitador de oportunidades ou mesmo de oportunismos.

De todas estas situações e de todos estes modelos humanos, magistralmente recriados pelo prodígio da ficção, encontramos abundantes e significativos exemplos na múltipla produção narrativa do autor d' *Os brilhantes do Brasileiro*.

E como essas personagens ficcionais nasciam de uma freqüente e flagrante proximidade com pedaços da vida real, com as pessoas "históricas" que o autor aí encontrara e com as quais estivera ligado por laços de amor ou ódio, ou mesmo com factos pessoais arrancados à sua própria biografia, não era de admirar que inúmeros leitores seus, porque sofriam na carne e no espírito tantos dos problemas e das angústias patentes nas páginas das suas novelas, se identificassem com elas e com o escritor que para elas as criara, sem para isso, aliás, terem de fazer um grande esforço de imaginação.

Na obra camiliana, por um admirável efeito de capacidade criativa, o autor empírico e as pessoas que ele conheceu na vida fundem-se com o autor textual para conviverem todos com as personagens criadas e com os futuros leitores, num mundo bizarro e fascinante onde junta, bem ao gosto romântico, com um realismo ora trágico, ora lírico, ora burlesco, vivos com mortos, fantasmas com gente de carne e osso, criações nascidas da ficção com cidadãos que o leitor saudara na véspera, ao comprar o volume onde narcísica ou desesperadamente se remirava. O próprio Camilo o confessou, neste passo das *Noites de insônia*, que ainda hoje, à distância de mais de um século, exerce sobre nós um efeito de arripiante e onírica sedução:

Vou ao jazigo das minhas ilusões, exumo os esqueletos, visto-os de truões, de príncipes, de desembargadores, de meninas poéticas à semelhança das que eu vi quando a poesia era o aroma dos seus altares. Visto-me eu das cores prismáticas dos vinte anos, aperto a alma com as garras da saudade até que ela chore abraçada ao que foi. E depois, neste festim de mortos, conversamos todos; e eu, no alto silêncio da noite, escrevo as nossas palestras. Às vezes, entre muitos estridores que me ressoam nos ouvidos, o mais distinto é o dobre de finados. É quando a aurora reponta: a luz espanca as imagens cujo meio de vida é a treva e o silêncio.

Venho então sentar-me a esta banca, dou formas dramáticas ao diálogo dos meus fantasmas, e convenço-me de que pertença bem aos vivos...<sup>12</sup>

É nesse mundo, onde a fantasia ou mesmo a fantasmagoria, por incrível que pareça, não distorcem a realidade, que – repito – os leitores de Camilo encontravam o espelho das suas próprias vidas e dos dramas que as agitavam, num quotidiano feito de muitos sofrimentos e de poucas alegrias.

Os conflitos entre os direitos ideais do coração e os interesses rasteiramente materiais do dinheiro, com freqüência agudizados pelas diferenças sociais ou culturais; as soluções drásticas para tais conflitos, com desenlaces muitas vezes marcados pela tragédia; o contraste entre os grandes pecados e a sublimidade de luminosas, mas quase sempre dolorosas, abnegações; a violência das paixões daí nascidas; a força das ambições; o valor do dinheiro como mola dinamizadora das sociedades modernas, cujo

significado e valor romanesco aprendera na *Comédie Humaine*, de Balzac, fazendo do tal "brasileiro de torna-viagem" a sua expressão paradigmática para a sociedade portuguesa<sup>13</sup>; os movimentos político-ideológicos e militares que tinham dilacerado no corpo e no espírito a sociedade portuguesa de Oitocentos, a partir da Revolução liberal de 1820; a dinâmica dos vários grupos socio-econômicos e dos vários estratos culturais, expressa sobretudo através daquela espécie de miscigenação, pela qual a velha nobreza de costado, empobrecida por dissipações e por ociosidades, vegetava sabe Deus como nos seus arruinados solares de província, procurando, para melhor sobreviver, redourar os braços à custa dos cabedais da burguesia endinheirada, não raro no labutar da emigração neste generoso solo brasileiro; a conseqüente formação da nova classe de burguesia já nobilitada, mediante a proliferação dos barões e viscondes, enfeitados com os "hábitos" de Cristo pendurados às três pancadas nas casacas mal talhadas – tudo isso, que, constituindo a essência e condicionando os muitos e fortes movimentos sociais e anímicos do Portugal do Liberalismo, vive nas páginas da novela camiliana, tinha de afetar, em maior ou menor grau, por vivência própria ou por conhecimento direto, o homem português do século XIX, que dessa sociedade era parte e era comparsa, quer tivesse ficado nas vilas e aldeias do Norte do País natal, quer moirejasse aqui, ao lado, na Rua do Ouvidor, em qualquer negócio de secos e molhados, quer se aventurasse, em magro negócio de mascate, a quebrar o isolamento das sinhás, nas fazendas e engenhos do sertão, com a alegria dos enfeites e bijutarias que lhes levava nas malas do seu negócio.

Depois, cada página desses livros exercia e exerce um mágico poder e evocação sobre quem a lê, principalmente, quando a distância, marcada pelo tempo longo da viagem e sobretudo crispada pela dor da ausência, nimba a imagem da realidade longínqua, tantas vezes feia e amarga, com os sutis e perturbadores matizes da saudade.

É que, pela proximidade com a realidade humana e geográfica própria de quantos para aqui vinham, de Portugal, granjear a sua prosperidade futura, a obra de Camilo como que presentificava não apenas pessoas e situações, mas paisagens, ambientes, costumes, cantigas populares, mil pequenos pormenores que fazem a vida e são, por isso mesmo, objeto de uma vivência feita de irracional apego afetivo, situada no subconsciente ou mesmo no inconsciente, mas dotada de terrível e insuspeitada força moral.

Pensemos apenas no caso da paisagem<sup>14</sup>. Todo o mapa do Minho e de Trás-os-Montes se desdobra nas páginas da novela camiliana, desde a meiga beleza de égloga das margens do Lima ao paradisíaco arvoredo do **Bom Jesus do Monte**, passando pela adustez, ora calcinada, ora alvinitente, das alturas do Barroso e do Marão, as veigas férteis entremeadas de bouças, que vão de Famalicão a Santo Tirso, os areais da Foz, do Mindelo e da Póvoa, os ares lavados do Candal, os pinhais gementes do Monte Córdova, as fúrias embravecidas do Tâmega em época de cheia... Que sei eu?!... Vejam Vs. Ex<sup>as</sup>. como simples exemplo, este quadro, tirado d'*O Senhor do Paço de Ninães*, em que o leitor é convidado a fruir com o narrador das belezas de uma paisagem topograficamente localizada:

Estamos no Minho, o leitor e eu. Chegamos à Portela, na estrada de Guimarães. Deixada a estrada, entremos numas brenhas de árvores, por atalho tortuoso com seu dossel de carvalheiras e festões de vides

enroscadas nelas. Andou o leitor um quilômetro em vinte minutos, se não parou algumas vezes a respirar o acre saudável das bouças, e a ver o pulular dos milharais e a ouvir as toadas das searciras que cantam. Para este ver, cheirar e ouvir, é preciso que vamos em Agosto ou Setembro, ao repontar do sol ou ao desdobrar da noute...<sup>15</sup>

Quantos corações de portugueses, longe da sua terra, terão batido mais apressadamente, ao evocarem, em páginas como esta, paisagens que a saudade jamais deixara apagar na retina da sua memória!

Seria um nunca acabar, se quisesse mencionar todos esses quadros de beleza e de fascínio, com tantos dos quais ele e as suas personagens se identificam, por vezes numa espécie de serenidade panteísta capaz de vencer a própria morte. Não foi ele quem pediu:

Quando a acácia de Jorge inda outra vez inflore  
Chamai-me que eu d'Abril nas auras voltarei! ?

O mesmo pode dizer-se das paisagens urbanas. O Porto, Braga, Vila Real, Viana do Castelo, Viseu, e tantas outras cidades e vilas portuguesas, aparecem a cada passo, em quadros onde a paleta do escritor lhes fixou não apenas as ruas e praças, mas a vida própria de cada uma.

Essa presença da paisagem revela-se até, com exuberante significado, na abundância e autenticidade dos topônimos. Quem, ainda hoje, lê Camilo, facilmente se julga viajando pelas estradas do Norte de Portugal, e vendo com atenção as placas toponímicas que identificam nas suas bermas as localidades por onde vai passando. Que faria naquele tempo! Landim, Pouve, Celeirós, Tibães, Santo Tirso, Mondim de Basto, a Campeã, Miranda, Caçarelhos, a estalagem da Ovelhinha, na subida para Marão, as aldeias do Barroso, e tantos, tantos outros nomes que presentificavam, pela saudade, na memória do leitor, outras tantas situações das suas vidas passadas.

Depois desses inefáveis reencontros dos leitores de Camilo consigo próprios, com a sua infância e com a sua juventude, através dessas páginas que, como por magia, os transportavam para junto dos seus ou de quanto com eles tinham vivido, que importavam as caricaturas dos Bentos Pereira de Montalegre ou dos Hermenegildos Barrosa, que ainda por cima os faziam rir e nas quais porventura reconheciam razão e justiça suficientes para lhes fazerem desculpar os exageros?

Para além dessas afinidades e seduções, um outro valor, porém, as aprofundava e lhes conferia novas e mais ricas dimensões, porque, exprimindo-as, lhes dava uma existência real capaz de vencer o tempo e as distâncias da separação e, sendo comum ao escritor e aos seus destinatários, lhes oferecia uma coesão fortíssima, facilmente erigida, através de imperceptível metamorfose, numa riqueza comum e até uma segura forma de cumplicidade, tanto mais tranqüilizadora quanto experimentada, consciente ou inconscientemente, em contextos sociais e humanos nem sempre favoráveis ou, não raro, adversos. Era a língua que lhes era comum e que, manejada com exímio virtuosismo semântico e estilístico pela pena de Camilo, a todos oferecia um belo padrão fixado pela escrita, sem ver defraudada ou sequer atingida a genuína e pura vernaculidade que os tais leitores tinham bebido com o leite materno, lá nas suas aldeias natais. Como

acontecia, afinal, com ele, de acordo com a sua própria confissão, neste passo de *Vinte horas de liteira*:

Quando quero retemperar a imaginação gasta, vou caldeá-la à incude do viver campesino, evoco lembranças da minha infância e adolescência passadas na aldeia, e até a linguagem me sai de outro feito, singela sem afectação, casquilha sem os inviesados estilistas bucólicos<sup>16</sup>.

Deste modo, a sua leitura era também e sempre um procurar do tempo perdido e um reencontro do emigrante com a sua própria essência cultural, no que ela tinha de mais espontâneo e duradouro – a capacidade de expressão – enquanto, para o leitor brasileiro, se transformava num meio de enriquecer e aprofundar uma competência lingüística a todos os níveis, do da simples comunicação coloquial ao da criação literária, constituindo assim um poderosíssimo fator de unidade no grande espaço lingüístico do português, onde já então se distinguiam, sem quebra da identidade de cada uma, a norma lusitana e a norma brasileira.

Comemorar Camilo, em Portugal ou no Brasil, volvido um século sobre a sua morte, não é, pois, um ato melancólico de saudosismo passadista, mas uma reafirmação da vitalidade da língua que nos é comum e da unidade lingüística que faz das nossas pátrias uma grande realidade cultural do mundo moderno. Importa por isso fazer também de tal comemoração uma atualização dos meios mais eficazes para o conhecimento científico e para a salvaguarda dessa realidade, conjugando a unidade que lhe vem da história com a legítima diversidade que essa mesma história consagrou ao configurar, com ela e por ela, realidades nacionais distintas.

Nessa perspectiva, bem podemos com verdade dizer que a celebração do ato que nos congrega, aqui, nesta pujante expressão de uma cultura viva, que é o Real Gabinete Português de Leitura, no âmbito da visita oficial do Primeiro Ministro de Portugal ao Brasil, é um oportuno ato político, e de longo alcance político, no mais elevado, nobre, e puro sentido que a palavra pode assumir.

É que a realidade cultural que a obra de Camilo representava há um século e que determinou a sua tão significativa recepção e difusão no Brasil, não se apagou com o estampido trágico do tiro suicida disparado, há cem anos, lá longe, naquela casa triste, em tarde modorrenta de uma recatada aldeia minhota. Ela permanece viva e atuante, porventura sob formas diversas, mas com não menor pujança. É como se a acácia de Jorge, reverdecida, por milagre estendesse até aqui a sombra suave e benfazeja dos seus ramos de novo inflorados, ao chamamento dos leitores de Camilo!...

Vive-se hoje no Brasil, em termos de investigação e de ensino, uma hora alta do culto e do cultivo da língua portuguesa. Graças às Universidades, por certo. Mas também, e com não menor entusiasmo, graças à dinâmica visão cultural com que os empresários brasileiros e portugueses, na senda dos que nestas terras os precederam a trabalhar honradamente, sabem hoje dar continuidade aos seus interesses e às suas preocupações, promovendo colóquios, seminários, cursos interdisciplinares e outras iniciativas desenvolvidas por organismos como o Centro Luso-Brasileiro de Cultura, sob os auspícios da Federação das Associações Portuguesas e da Fundação Cultural Portugal-Brasil, à frente dos quais surge a decisão de homens como o Dr. Antônio

Gomes da Costa, e contando para isso com a dedicada e qualificada colaboração científica de grandes nomes da Universidade brasileira, entre os quais é de elementar justiça lembrar, para agradecer, os de Gladstone Chaves de Melo, Sílvio Elia, Maximiano de Carvalho e Silva, Evanildo Bechara e Basílio Rodrigues, que assim continuam o labor de honra e devoção de Sousa da Silveira, Antenor Nascentes, Matoso Câmara e Celso Cunha, essa ínclita geração de filólogos e de Mestres eméritos que com tanta harmonia conciliaram, com ciência e consciência, a profundidade do saber e a generosa magnanimidade dos seus corações, sempre a vibrar por Portugal, como se com isso melhor soubessem amar o Brasil.

Como último exemplo desse entusiasmo permitam-me Vs. Ex<sup>as</sup> que refira o seguinte: há pouco mais de uma ano inaugurou-se oficialmente o Instituto de Língua Portuguesa, no Liceu Literário Português; alguns dias antes de partir de Coimbra, chegava-me o primeiro número da sua jovem revista, intitulada *Confluência*, que, estou certo, virá desempenhar um grande papel como órgão desta nova gesta em defesa e ilustração da nossa língua.

É por demais tempo de terminar.

Viemos aqui para celebrar Camilo. Mas ao celebrar a obra que nos deixou, que tão fortes elos forjou entre portugueses e brasileiros e que tantas saudades e amarguras ajudou a curtir, aos nossos compatriotas que, ao longo deste século ao Brasil vieram ganhar o seu pão, nós viemos também e acima de tudo, celebrar o milagre do verbo lusíada, de que ele e essa obra são uma das mais genuínas e portentosas afirmações.

Um milagre, tornado realidade em cada geração desde os trovadores galego-portugueses, através das crônicas de Fernão Lopes, dos autos de Gil Vicente, de Camões, de Vieira, Garrett, Eça, Pessoa, Torga, Alencar, Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Machado de Assis, Rui Barbosa, Bilac, Graciliano, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Drummond e tantos, tantos outros. Um milagre vivificado pelo linguajar de marinheiros, comerciantes e soldados; pelas singelas prédicas dos missionários, de que Anchieta é símbolo ao mesmo tempo humilde e gigantesco; pelo contributo dos escravos africanos; e pela beleza eufonicamente tropical das vozes dos índios, num todo inconsútil e de infinitas potencialidades expressivas de quanto vive na alma do mundo que o português criou.

Um milagre que é uma herança sagrada, que todos (Portugueses, Brasileiros e Africanos de Língua Portuguesa) temos, por imperativo de consciência coletiva, o dever de amar, prezar, preservar e continuar, com resoluta decisão, com serena dignidade e com uma forte certeza na sua capacidade de afirmação, no futuro, como expressão da grande comunhão lusíada que queremos ser no mundo da pós-modernidade.

## NOTAS

1. Vide Alexandre Cabral, *Dicionário de Camilo Castelo Branco*. Lisboa, 1989, p. 307.
2. Camilo Castelo Branco, *Amor de Perdição (Memórias duma família)*. Reprodução fac-similada do manuscrito, em confronto com a edição crítica, segundo plano organizado e executado sob a direção de Maximiano de Carvalho e Silva. Estudo prévio

- histórico-literário de Aníbal Pinto de Castro. Rio de Janeiro / Porto, Real Gabinete Português de Leitura / Lello & Irmãos Editores, 1983. Sobre as vicissitudes da entrada do precioso manuscrito na biblioteca onde se encontra, vide *ib.*, p. XII-XIII.
3. Cf. Guilhermino César, *O "brasileiro" na ficção portuguesa. O direito e o avesso de uma personagem-tipo*. Lisboa, Parceria A.M. Pereira, 1969, em especial as p.53-72
  4. Este Congresso realizou-se em Coimbra de 24 a 29 de junho de 1991.
  5. Vejam-se em especial os capítulos I e III (cf. *Obras completas* publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida, vol. VI, p. 885 e segs. e 896 e segs.).
  6. Cf. *Obras completas*, vol. II, p. 1254 e segs.
  7. Cf. *ib.*, vol. VIII, p. 494 e segs.
  8. Cf. *ib.*, vol.VIII p.45-84.
  9. Cf. *ib.*, vol.V p.1372.
  10. *Ib.*, vol. IV p.290.
  11. *Loc. cit.*, p.1310 e 1312.
  12. *Noites de insomnia*. Publicação mensal, nº 1, Janeiro de 1874, p. 6-7.
  13. Veja-se, a este propósito, o que escrevi em *Balzac em Portugal*. Coimbra, 1960, p.143 e segs.
  14. Cf., a este propósito, o meu artigo *A paisagem do Minho na ficção camiliana*, in "Boletim da Casa de Camilo", III Série, nºs 9-10, 1988, p.79-101.
  15. *Obras completas*, ed. cit., vol. VI, p.175.
  16. *Obras completas*, ed. cit., vol. IV. p. 1024.

\*\*\*